



MULHERES MIGRANTES NO CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Palavras-Chave: Geografia e Cinema, Migração, Mulher

Autores/as:

GUSTAVO PALMA DE ANDRADE SANTOS (IG/Unicamp)

Prof. Dr. WENCESLAO MACHADO DE OLIVEIRA JR (orientador) (FE/Unicamp)

INTRODUÇÃO

Até meados do século XX, a primazia dada pela Ciência ao texto lógico-gramatical na busca pela “verdade universal” relegou a imagem ao papel de recurso ilustrativo (NEVES, 2010). Na Geografia, que possui um inerente caráter imagético derivado de seu objeto de estudo – o espaço –, as imagens eram tidas como “representações” da “realidade”, não sendo utilizadas como instrumento de análise. Com a chamada crise da modernidade, novas abordagens geográficas surgiram, sendo uma delas a aproximação entre Geografia e Cinema. Entendendo o espaço como “possibilidade da existência da multiplicidade (...) na qual distintas trajetórias coexistem” (MASSEY, 2008, p. 29), as obras fílmicas podem ser compreendidas como instauração de interações e devires entre trajetórias num local “fictício” (o espaço filmico) que produzem e reproduzem fenômenos socioespaciais. Portanto, a análise geográfica de filmes pode “ampliar nossa visão para certos aspectos do espaço vivenciado” (NEVES; FERRAZ, 2007, p. 77).

Nosso trabalho utiliza resultados da pesquisa *As telas da escola: cinema e professores de Geografia*, realizada entre 2016 e 2020 pela Rede Internacional de Pesquisa “Imagens, Geografias e Educação” em várias regiões do Brasil e da América Latina. O objetivo dela era traçar, por meio de um questionário de 16 perguntas, um panorama sobre as escolhas de filmes por professores da educação básica (CHAVES; PREVE, 2019). A partir da questão 11 (“Quais filmes você usa para trabalhar quais conteúdos ou temas de geografia?”), selecionamos três filmes – *Central do Brasil* (Walter Salles Jr, 1998), *O Caminho das Nuvens* (Vicente Amorim, 2003) e *Que horas ela volta?* (Anna Muylaert, 2015) – que eram utilizados no conteúdo de migrações. Acrescentamos a eles *O Céu de Suely* (Karim Aïnouz, 2006) que, apesar de não ser citado, tem potencialidades por trazer um movimento migratório diferente tanto no destino quanto nas motivações.

Os quatro filmes possuem no centro de sua narrativa a questão migratória, e, no processo de pesquisa, notamos que em todos há o protagonismo de personagens mulheres migrantes. Nossa análise as prioriza, traçando uma espiral migrante feminina em dois aspectos: o movimento pelo território (Nordeste → Sudeste → Nordeste → novos destinos) e as motivações (iniciando na mulher como “dependente acompanhante” (CARLING, 2005, p. 4) de um homem e chegando à busca pela liberdade). A espiral, no entanto, não possui um aspecto temporal. Ela traz movimentos e motivações que são concomitantes e continuam a acontecer simultaneamente.

Na análise dos filmes resultaram escrita de resumos de suas narrativas – nos quais as personagens mulheres são centralizadas – e a realização de “decupagens” dos locais narrativos

(tabela 1), permitindo a criação de mapas extensivos dos lugares¹ dos filmes (imagem 1), e, a partir dele foram produzidos mapas intensivos (imagens 2 e 3) que ressaltam as trajetórias heterogêneas (MASSEY, 2008) que afetam as personagens.

2. Restaurante na beira da estrada	<ul style="list-style-type: none"> • Rose dá banho em Ciço; • Rose passa batom para cantar <i>Como É Grande Meu Amor por Você</i> com Clévis e pedir gorjeta; • Romão elogia a “cantoria”; • Rose rouba o cigarro de Romão.
3. Posto em Patos - PB	<ul style="list-style-type: none"> • Antonio encontra uma prostituta enquanto procura por Rodnei; • Antonio se assusta com uma novela em espanhol passando na TV, onde uma mulher chama por um personagem de nome Antonio; • Romão chama Antonio de “castigo do céu”, porque ele fez a família ser expulsa do posto; • Rose discorda de Romão com o olhar.
4. Cidade sem nome	<ul style="list-style-type: none"> • Romão diz que Antonio não é homem, por não trabalhar e nem ter mulher; • Rose dá banho em Ciço enquanto olha a conversa de Romão e Antonio. • Antonio tenta pegar um cigarro do maço do pai, mas é impedido.
5. Casa aparentemente abandonada	<ul style="list-style-type: none"> • Romão pede para Antonio cuidar da mãe; • Antonio tenta defender a mãe, que está com Ciço no colo, de um capataz que tentava expulsá-los da casa; • Romão pede emprego ao chefe do capataz, mas ele diz que no local só tem “emprego pra bandido, pra filho da puta, pra cabra ruim”.

Tabela 1 – Excerto da “decupagem” de O Caminho das Nuvens.

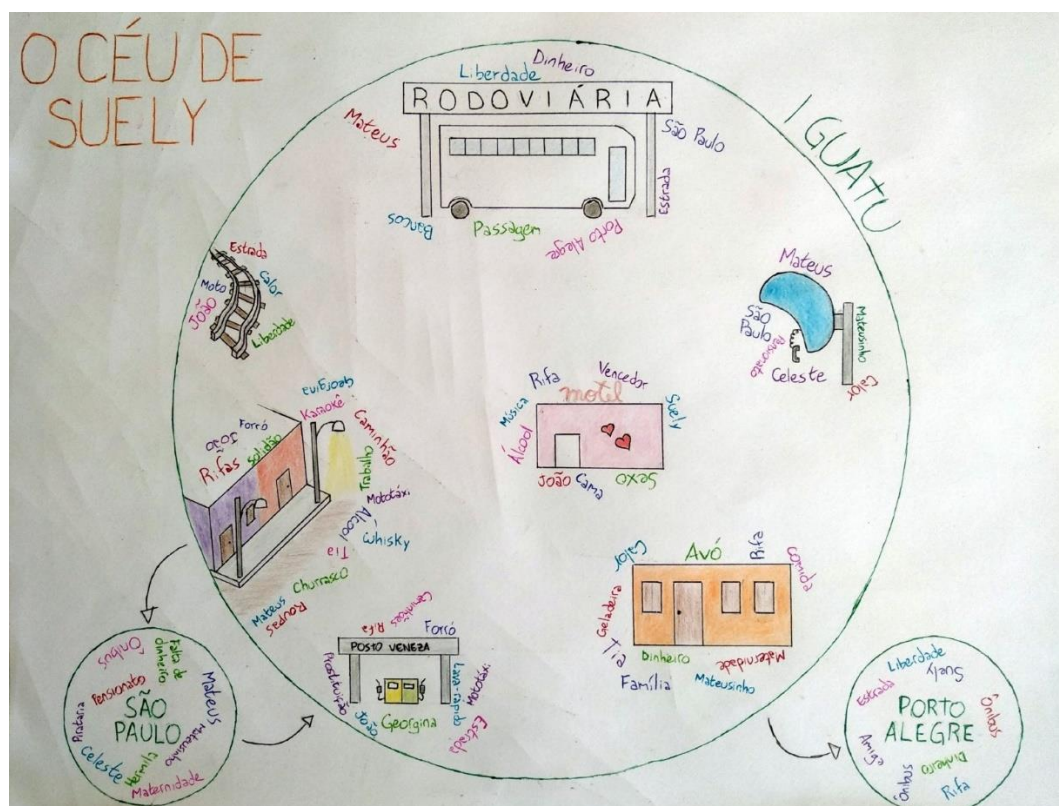


Imagem 1 – Mapa com as constelações de trajetórias para os lugares de O Céu de Suely.

¹ Entendidos aqui a partir do conceito proposto por Massey (2008), que os define como uma singular constelação de trajetórias heterogêneas co-presentes em interação e devir.

boate, para que os filhos parem de passar fome, e ao impedi-lo de tentar seguir viagem até Brasília, dizendo que ela está cansada e não retornará à estrada.

Em seguida, a espiral segue com *Que horas ela volta?*, no qual temos a estadia da migrante nordestina no Sudeste (e a recepção de novas migrantes) e uma mulher (Val) assumindo, de certa forma, o papel que seria esperado do pai em uma família: o sustento financeiro dos filhos. Suas condições de classe e enquanto mulher definem seu local no mercado de trabalho: empregada doméstica. Gênero e classe aparecem diretamente relacionadas aqui, pois o trabalho doméstico é considerado atribuição feminina apenas para classes sociais mais baixas, uma vez que a patroa não se dedica nem a ele e nem às tarefas da maternidade. Val aceita a subordinação imposta pelos patrões e mostra sua concordância com as hierarquias de classe (explicitada pela sua fala de que “a pessoa já nasce sabendo o que que pode, o que que não pode”).

A chegada/migração de sua filha (Jéssica), que almeja prestar o vestibular da Universidade de São Paulo, gera conflitos com os patrões, pois a garota não aceita (em suas palavras) “ser tratada como uma cidadã de segunda classe”. Ela é parte do “novo segmento juvenil nordestino potencializado por lutas sociais e políticas públicas” (DELAZARI; SANTOS, 2019, p. 59) e desafia a hierarquia de classes e gênero ao se “insubordinar” (em ações como aceitar o sorvete que lhe é oferecido e pedir para dormir no quarto de hóspedes) aos patrões da mãe e não aceitar a sedução do patrão. Suas ações e falas fazem Val também começar, aos poucos, a questionar seu posto de “quase da família”, e o ápice disso ocorre quando ela entra na piscina, local cujo acesso é negado a ela desde a primeira cena do filme.

O terceiro filme, *Central do Brasil*, traz uma espécie de migração de retorno ao Nordeste, realizada pelo garoto Josué, que desejava conhecer seu pai após a morte da mãe. Ele recebe a ajuda de Dora (a contragosto de ambos, no primeiro momento), uma idosa que é forçada a fugir do Rio de Janeiro após receber ameaças de morte de um casal de bandidos. Os desafios encontrados pelos dois na estrada os aproxima numa relação de maternidade sem laços sanguíneos, uma expressão de “amor materno” (SILVA, 2007, p. 107), parte do papel socialmente esperado da mulher.

As trajetórias com as quais os dois se relacionam ao exporem-se à estrada os inserem em um processo de transformação de seus sentimentos em relação a si mesmo e um pelo outro – uma espécie de Via Crucis cristã, onde “a dor (...) é a guia para o caminho da transformação” (OLIVEIRA JR, 2010, p. 39). Isso é ainda mais forte para Dora, que, sendo forçada a abandonar seus espaços cotidianos onde se acomodava com o amargor não resolvido (o apartamento, o trem lotado e a Estação Central do Brasil), embarca numa viagem-migração também no tempo, em sua própria história de vida, paralelamente ao percurso do Rio de Janeiro a Bom Jesus do Norte e à aprendizagem do amor.

Nossa espiral se finaliza com *O Céu de Suely*, no qual ocorre a migração para destinos não tradicionais (no caso, sentido Nordeste → Sul) e a motivação é a busca pela liberdade da condição feminina. No filme, Hermila, uma jovem mãe abandonada pelo esposo, tenta conciliar a maternidade com seu desejo de escapar das imposições do papel social da mulher (ser esposa, ser mãe, não ser “puta”...). A opressão exercida por sua cidade natal gera nela a sensação da “confusão da inadequação e da própria existência” (BRANDÃO, 2008, p. 93), despertando o desejo de simplesmente ir para “o lugar mais longe daqui”. Ela busca sua libertação por meio da venda de uma rifa na qual o prêmio seria/foi seu próprio corpo, agora denominado Suely. Apesar de seus conterrâneos a julgarem como prostituta, ela consegue levar a cabo seu plano e consegue comprar a passagem para Porto Alegre.

CONCLUSÕES

Nos quatro filmes notamos o quanto o processo migratório feminino é diverso e complexo, e isso deve ser levado em conta em abordagens desse conteúdo (seja no meio acadêmico, seja nas aulas do ensino básico). Uma vez que as narrativas fílmicas podem ser vistas como tão possíveis e tão “reais” quanto o que acontece além das telas, notamos como o Cinema pode fornecer novas possibilidades de abordagem para pensar a complexidade de fatores (trajetórias) que estão presentes na migração ao tornar sensíveis fatores microsociais que afetam cada uma das personagens.

Fica claro, pelas análises dos quatro filmes, como o papel social das mulheres tem grande importância para definir suas experiências e possibilidades de ação. A exposição das trajetórias que afetaram as migrantes antes, durante e após seu movimento – a maternidade, a família, a estrada, a falta de dinheiro, o amor, a questão da moradia, os locais de poder, as amizades, o cansaço, a fome, o trabalho (ou a falta dele), o vestibular... – ressaltam a complexidade do movimento migratório. Esperamos que nossos resultados possam fornecer bases para que professores de Geografia busquem novas abordagens desse conteúdo em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA

- BAENINGER, Rosana. Migrações internas no Brasil no século 21: entre o local e o global. In: XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2012, Águas de Lindóia – SP. **Anais...**, ABEP, 2012. s./p.
- BRANDÃO, Alessandra. O chão de asfalto de Suely (ou a anti-Cabíria do sertão de Aïnouz). In: HAMBURGER, Esther; SOUZA, Gustavo; MENDONÇA, Leandro, [et al]. (orgs.). **IX Estudos do Cinema**. São Paulo: Annablume; FAPESP; Socine, 2008, pp. 91-98.
- BUBERWA, Deodatus K.; KAMANZI, Adalbertus. Exclusion of Women in Migration Studies. **Imperial Journal of Interdisciplinary Research**, vol. 2, issue-2, 2016. Disponível em: <<https://www.onlinejournal.in/v2i22016/>>. Acesso em 18 dez. 2020.
- CARLING, Jørgen. Gender dimensions of international migration. **Global Migration Perspectives**, Geneva, no. 35, pp. 1-26, mai. 2005. Disponível em: <<https://jorgencarling.org/2013/01/01/gender-dimensions-of-international-migration/>>. Acesso em 14 set. 2020.
- CHAVES, Ana Paula Nunes; PREVE, Ana Maria Hoepers. Sobre cinema e geografia na escola: algumas aproximações de pesquisa.. In: **Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: Políticas, Linguagens E Trajetórias**, 14, 2019. Campinas: Anais... Campinas: Ateliê de Pesquisas e Práticas em Ensino de Geografia, 2019. p. 2240-2251. Disponível em: <<http://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/3068>>. Acesso em 04 abr 2020.
- MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- NEVES, Alexandre Aldo. FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. Cinema e geografia: em busca de aproximações. **Espaço Plural**, vol. VIII, num. 16, enero-junio 2007, pp. 75-78.
- NEVES, Alexandre Aldo. Geografias de Cinema: Do espaço geográfico ao espaço fílmico. **Entre-Lugar**, Dourados, MS, ano 1, n. 1, pp. 133-156, 1º semestre de 2010. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/entre-lugar/article/view/617>>. Acesso em 30 ago 2020.
- OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. O cinema e a geografia num percurso de dor: a Via Crucis de Dora em *Central do Brasil*. **Entre-Lugar**, Dourados, MS, ano 1, n. 1, p. 33-48, 1º semestre de 2010.
- OLIVEIRA, Kleber Fernandes de; JANNUZZI, Paulo de Martino. Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino. **São Paulo em perspectiva**, v. 19, n. 4, p. 134-143, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392005000400009&script=sci_arttext>. Acesso em 20 mar 2020.
- SILVA, Joseli Maria. Amor, paixão e honra como elementos da produção do espaço cotidiano feminino. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n° 22, pp. 97-109, jan./dez. 2007. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3515>>. Acesso em 24 mai 2021.
- SILVA, Joseli Maria. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional** vol. 8, n°1, pp. 31-45, verão 2003. Disponível em: <<https://revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2167>>. Acesso em 24 mai 2021.